

Ponte serve de moradia para seis famílias

VANDERLEI POZZEMBOM



As famílias vivem em precárias condições de higiene e as crianças brincam nas águas poluídas

José Euflávio

Mais de 40 pessoas estão morando — uns há mais de seis anos — embaixo da ponte do Córrego Bananal, nas proximidades da Granja do Torto, em condições miseráveis. São seis famílias, a grande maioria crianças, que não tendo onde habitar, resolveram fazer da ponte seu abrigo e prometem que só saem de lá “se o governo conseguir um outro local”.

O primeiro a chegar foi José Maurício de Jesus, baiano de Santo Amaro da Purificação — ele tem orgulho de ser conterrâneo de Caetano Veloso —, que chegou ao Distrito Federal de carona. Em Sobradinho, em 1985, o caminhão deixou-o com a mulher e duas crianças de um e dois anos.

A partir daí, Maurício saiu ca-



MIGRAÇÃO

minhando, com a mulher e as crianças, na direção de Brasília. No meio do caminho encontrou a ponte e resolveu dar uma “paradinha”. “Gostei e acabei decidindo morar aqui, já que não tinha onde ficar em Brasília”, conta ele. Logo Maurício começou limpar a área e até plantou algumas hortaliças.

No local a Caesb (Companhia de Água e Esgotos de Brasília) mantém aparelhos para medir o nível da água do córrego, que vem da Água Mineral. Maurício logo conseguiu um bico e hoje recebe um salário mínimo para colher os dados do nível da água e repassá-las à Caesb. “Se não fosse esse salário, eu já tinha ido embora daqui”.

Assistentes sociais, do Governo do Distrito Federal, segundo conta Maurício, já foram ao local, fizeram o cadastramento de todos e ameaçaram expulsá-los, se eles aceitassem novas pessoas na invasão. “As moças do governo disseram para nós não aceitar mais

ninguém, porque nem a gente pode morar aqui”, explica Maurício. Essa ordem tem causado problemas para as seis famílias que moram ali.

“Nós já pegamos muitas brigas para evitar que outras pessoas fiquem nesse local”, diz ele. “As moças acham que esse local já é pequeno para a gente e é proibido construir barracos. Por isso, ficamos embaixo da ponte, como ratos”, explica. Casado, pai de cinco filhos menores, Maurício ganha a vida com o salário da Caesb e descarregando caminhões na Ceasa. “Não peço esmolas, pois posso trabalhar, mas o que eu mais gostaria de ter era o lote que as moças me prometeram”, conta.

Já Agenor dos Santos, também da Bahia, mora com a família e duas cunhadas. “A vida aqui é dura, mas nós vamos ganhar lotes do governo. As moças prometeram”, acredita Agenor, que não quer voltar mais para sua terra. “Lá a vida é mais difícil, ainda”, diz.